
Construção simbólica da cidade: Uma perspectiva através da mídia globalizada. ¹

Maria do Carmo Pasquali FALCHI²

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS

Resumo

O mundo está em constante transformação e que os meios de comunicação, e, num contexto crescentemente marcado pela midiaticização, os atravessamentos entre campos sociais e constituição de uma cultura de mídia produz afetações que podem ser percebidas inclusive na constituição das cidades. Visto isso, esse artigo tem por objetivo discutir de que forma o processo de globalização está presente na mídia e por conseguinte, de que maneira que as concepções midiáticas refletem na elaboração dos significados e significantes das cidades.

Palavras-chave

Mídia; Globalização; Construção das cidades.

Introdução

A globalização é o ponto nevrálgico do processo de internacionalização do capitalismo, segundo Santos (2000). Mas o que isso representa? Representa que o mundo está em constante transformação e que os meios de comunicação, inseridos em um contexto de midiaticização atravessam diversas esferas, influenciando a si mesmo e os processos culturais. Duas facetas importantes desse processo são a mídia e a construção das cidades. Ambos estão interligados e se influenciam mutuamente.

Os veículos de comunicação são produtores e transmissores dos símbolos que permeiam a vida dos indivíduos. As cidades e a maneira como a sociedade se apropria dela são frutos dessa construção simbólica. Visto isso, esse artigo tem por objetivo discutir de que forma o processo de globalização está presente na mídia e, por conseguinte, de que maneira as concepções midiáticas refletem na elaboração dos significados e significantes das cidades. Para isso, serão discutidos temas como a relação mídia– globalização, a construção da cidade e importância dos símbolos nesse processo, e, por fim a inter-relação entre os veículos de comunicação, elaboração de símbolos e de que forma esses fatores refletem na cidade.

¹Trabalho apresentado na DT 7 – Comunicação Espaço e Cidadania do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos. Email: mariafalchi@gmail.com

1. A globalização e os meios de comunicação

Com os avanços das tecnologias, principalmente nos meios de transporte e de comunicação, as possibilidades de expansão do mercado aumentaram, proporcionando a internacionalização dos fluxos de investimento (COSTA, 2006). Através dessas mudanças é possível constatar o fenômeno da globalização, ou seja, as fronteiras nacionais estão sendo diluídas e vemos um mercado cada vez mais global.

Para Santos (2000) a globalização é fruto do surgimento de um novo sistema de técnicas e das ações que permitem a emergência de um mercado global. Ainda de acordo com o autor a arquitetura da globalização é explicada através de quatro fatores: a unidade técnica, a convergência do momento, a cognoscibilidade do planeta e a existência de um motor único na história – que seria a mais-valia.

Um fenômeno que vem acontecendo atualmente é que pequenas empresas vem sendo absorvidas pelas grandes, especialmente depois que, segundo Lima (2004), alguns grupos de comunicação estão trabalhando com grupos estrangeiros.

Castells (2015) comenta que uma das consequências da globalização é a comercialização da mídia na maior parte do mundo. Sendo assim, é possível perceber que esse fenômeno não é exclusividade do Brasil, mas algo que vem acontecendo em âmbito global. Um dos reflexos dessa comercialização é a transformação da notícia, que teria o intuito de informar, em mercadoria, ou seja, se torna apenas mais um produto para consumo.

De acordo com Gomes (2016) todos os indivíduos são membros de um grupo social, e, portanto, é impossível existir um consumo solitário da indústria cultural, ou seja, todo consumo é grupal:

A recíproca também é verdadeira. Isto é, ao aplicar para si a pertença em determinado grupo, família ou nação; ao justificar suas opções e suas atitudes no cotidiano; ao dar, por fim, uma resposta ao sentido de sua própria vida, muitas vezes a pessoa humana se faz devedora dos sentidos de mundo elaborados pelos meios massivos de comunicação. (p. 80)

2. A construção da cidade

A globalização também traz seus efeitos na construção e na constituição das cidades. Uma vez que a exclusão social faz parte do sistema de crescimento do Brasil, a concentração de renda fica localizada com as minorias que moram nas grandes cidades,

e, por isso, parte da população que mora no campo fica de fora do sistema de distribuição de renda (SODRÉ, 2010). Agier (2009) relata que há urbanistas que compreendem a cidade como uma aglomeração surgida para diminuir os custos da interação e promover a busca de conexões pouco onerosas. Mas a cidade deveria ser o oposto disso.

Michel de Certeau (1998) diz que a cidade é um grande mosteiro – Vista de perspectiva e vista prospectiva constituem a dupla projeção de um passado opaco e de um futuro incerto numa superfície tratável. Planejar a cidade é ao mesmo tempo pensar a própria pluralidade do real e dar efetividade a este pensamento do plural: é saber o poder de articular. O autor ainda complementa e afirma que “à maneira de um nome próprio, oferece assim a capacidade de conceber e construir o espaço, a partir de um número finito de propriedades estáveis, isoladas e articuladas”.

Sendo assim, a cidade é viva. Para a elaboração de um projeto urbanístico é necessário que se pense na singularidade daqueles que vivem no ambiente urbano, que ele retrate todas as diferenças que expressam a verdadeira cultura de quem mora em uma determinada localidade. É fundamental que haja a combinação de gestão e administração, para que a cidade possa evoluir e seguir em frente de maneira coerente e respeitando as individualidades da população daquele espaço.

Justamente por esse fato é que as cidades deveriam ser lugares para interação social. Silva (2007, p. 22) relata que:

A cidade, portanto, pode ser vista como um mosaico de territórios estabelecidos de maneira simultânea e sobreposta, como uma teia de relações entre os grupos e indivíduos. O território destas relações será diferente em função do aspecto social a partir do qual tal território é constituído.

Indo mais além, a autora ainda diz que o território pode ser compreendido como um conjunto de lugares que dão origem a laços afetivos e que criam uma identidade cultural. A cidade deveria ser um conglomerado de efervescência popular, onde todos fossem representados pela sua heterogeneidade e não tivessem que se encaixar em um projeto urbanístico que visa à homogeneização.

Dentro dessa proposta, Certeau (1998) comenta sobre um projeto urbano ideal, que o autor considera utópico. Essa ideia é composta por uma tríplice operação: a criação de um espaço próprio, o estabelecimento de um não tempo ou sistema

sincrônico que substituiria as tradições e a criação de um sujeito universal e anônimo que é a própria cidade.

Apesar de um projeto ideal, Certeau diz que a cidade utópica gera consequências que são o oposto dos resultados que elas efetivamente deveriam produzir, como por exemplo, o lucro e a ênfase no progresso. Por isso, o autor diz que a cidade-conceito acaba se degradando, especialmente porque em vez de se manter em um discurso que perpetua o seu privilégio, ela acaba indo por outro caminho, o de analisar as ações microbianas, singulares e plurais que deveriam ser produzidas e gerenciadas pelo sistema urbano, mas que sobrevivem ao seu perecimento.

Mas por que é tão importante planejar e estruturar a cidade de acordo com a pluralidade e as necessidades dos indivíduos? Porque a cidade é formada por atores sociais que “não se esgotam numa dimensão biológica e ou funcional, mas compõe através de sua existência em sociedade, o processo de construção da realidade social” (SILVA, 2007, p. 9). Ao pensar na cidade é necessário ter a consciência de que ela é uma estrutura que depende das relações dos seres vivos que habitam nela, que são os atores sociais que vão permitir as transações da cidade e demonstrar quais as prioridades para os seus moradores.

A cidade não é apenas uma estrutura, ela é vida, ela pulsa e reflete a vida dos moradores. Sendo assim, Silva (2005) ainda diz que a cidade se mostra como uma forma de sobreposição e conexão de territórios, isso porque os moradores que habitam em um determinado território estabelecem relações e influenciam outros territórios, estabelecendo relações dinâmicas e complexas. Agier (2009) afirma que o sujeito social da cidade não é apenas mais um dado estatístico, ele é parte do processo – vivo e humano - em que a complexidade é objeto de observação e interpretação das práticas de fazer cidade.

Ao analisar a cidade vemos que os indivíduos são parte fundamental da sua composição e que merecem ser analisados. Ao considerar esse fator também é necessário refletir que os habitantes das mais diferentes cidades também possuem suas particularidades e que essas distinções também impactam na forma como os sujeitos sociais vão constituir o espaço urbano, suas concepções, além de influenciar a forma como vão estabelecer a relações sociais que são fundamentais para o desenvolvimento da cidade. As mais variadas formas como os seres humanos se identificam e

identificam o que está ao seu redor é feita através de símbolos, e isso não é diferente nas cidades.

2.1 Os símbolos na cidade

Silva (2005) afirma que todas as relações sociais que constituem as cidades não surgem somente de formas materiais e funcionais que são a base do sistema capitalista, essas relações tem por fundamento os códigos e os signos estabelecidos no cotidiano e que dão sentido particular ao processo de constituição do espaço urbano. Uma vez que as relações têm por base esses códigos e símbolos e são essas mesmas relações sociais que elaboram as cidades, é possível dizer que os símbolos constroem o espaço urbano, ou melhor, que as cidades são constituídas de símbolos previamente elaborados por seus moradores e visitantes.

Ao estabelecer essa relação entre símbolos e cidades, Certeau (1998) diz que o processo de caminhar faz da cidade uma imensa experiência social da privação de lugar, compensada pelas relações e cruzamentos desses êxodos que se entrelaçam, criando um tecido urbano, que deveria ser um lugar, mas é apenas um nome: “Cidade”. O autor diz que a identidade criada pela cidade é tanto mais simbólica quanto a desigualdade dos títulos e das rendas entre os habitantes.

Isso ocorre porque os moradores deveriam se apropriar da cidade dando um significado de lugar, ou seja, de apropriação, mas na verdade ao relatar e ao usar símbolos já previamente estabelecidos, aquela localidade ganha apenas uma conotação designada pelo seu nome próprio. Isso vem a criar um aspecto de vazio, porque não há vida por traz de um nome próprio, apenas um significado que foi atribuído por outros sujeitos sociais. Certeau diz ainda que a relação entre essa ausência produzida pela cidade e as práticas de espaço tem como indício os nomes próprios.

Os nomes próprios expõem reservas de significações escondidas e familiares. Elas fazem sentido: impulsionam movimentos que dirigem ou alteram o itinerário dando-lhes sentidos antes inimagináveis. Os nomes próprios hierarquizam e ordenam a superfície da cidade. São responsáveis pela constituição de conexões cronológicas e legitimações históricas; eles perdem aos poucos o valor gravado, mas sua capacidade de significar sobrevive. O autor relata que os nomes próprios são mais que uma ideia, são carregados pelas viagens que modificam seus significados. Essas mudanças são

originadas pelas relíquias de sentidos, seus detritos, restos invertidos de grandes ambições (CERTEAU, 1998).

Isso vem a nos mostrar que muitas vezes a concepção que temos de uma determinada localidade – como perigosa, como uma área pobre ou até mesmo como uma zona com um maior poder aquisitivo – não passa de uma ideia que apenas está reverberando e que depende do ponto de vista de cada um. Isso acontece porque para quem mora em uma zona considerada violenta, muitas vezes não sente perigo, pelo contrário, se sente acolhido e pertencente há uma comunidade.

Aqui está o sentido da ausência estabelecido por Certeau. Como a população não vai ao lugar, não procura se integrar ou até mesmo saber a realidade de um determinado espaço, aquela região fica estereotipada – conhecida apenas por um nome próprio e o símbolo que há por detrás dele. Por isso mesmo que “a cidade de quem passa sem entrar é uma; é outra para quem é aprisionado e não sai mais dali; uma é a cidade a qual se chega pela primeira vez, outra é a que se abandona para nunca mais retornar; cada uma merece um nome diferente” (CALVINO, 2003, p.53).

Os nomes próprios, tantos de ruas quanto de cidades podem evocar uma memória de acordo com Certeau (1998). Esse fato é muito importante porque ainda segundo o autor, só vai existir cidade quando formos capazes de nos conectar com ela, e são essas memórias que vão permitir o vínculo com aquele local, além de possibilitar a construção de símbolos. Todos os sentimentos e conexões envolvidos geram os códigos para os sujeitos sociais que os vão reproduzir. Sobre esse fato Calvino (2003) diz que na mente de cada um vai existir inúmeras cidades que vistas ou não por cada um, e que o nome dessas cidades é capaz de produzir figuras ou fragmento de imagens evocadas por aquele nome próprio.

Por isso mesmo que Silva (2007) diz que essa vida em sociedade presente nas cidades é uma consequência de um fenômeno cultural, expresso pelas relações sociais que instituem símbolos que capazes de demonstrar uma visão de mundo específica, que influencia e controla o comportamento humano. Justamente por essas diferenças culturais Calvino (2003) relata que cada pessoa possui uma concepção de cidade particular, formadas pelas diferenças existentes nos indivíduos e preenchida pelas ideias particulares que cada um tem sobre o que é cidade.

É necessário levar em consideração que não são apenas os nomes próprios que originam símbolos e que são capazes de produzir significados na mente de cada um.

Através de exemplos Calvino (2007) relata que objetos como estátuas também são capazes de estabelecer símbolos em uma cidade, fazendo com que muitas vezes elas sejam reconhecidas apenas por esses artefatos ou monumentos. Isso acontece porque segundo o autor “os olhos não veem coisas, mas figuras de coisas que significam outras coisas” (p.8).

3. Mídia: construção simbólica

Os meios de comunicação são responsáveis pela produção e transmissão de símbolos. Para entender esse processo, é preciso levar em consideração que na sociedade atual as transformações ocorrem em uma velocidade cada vez maior. As pessoas, as organizações, as constituições familiares passam por mudanças em um curto período de tempo. Os meios de comunicação são responsáveis por parte dessas modificações, multiplicando essas transformações e acelerando o surgimento de um elo entre o concreto e o abstrato. “Existe uma necessidade contínua de reconstruir o ‘senso-comum’ ou a forma de compreensão que cria o substrato das imagens e sentidos, sem a qual nenhuma coletividade pode operar” (MOSCOVICI, 2000, p.48).

Para dar conta dessas mudanças existe o processo das representações sociais, que seria um processo onde um sistema de ideais, ações e valores que possuem dois objetivos: criar uma forma das pessoas se orientarem no mundo e controlá-lo, e tornar a comunicação possível entre os membros de uma sociedade (MOSCOVICI, 2000). É possível perceber que existe uma forte conexão entre representações sociais e meios de comunicação. Representações sociais, como nos apresentou Jovchelovitch, são construídas por meio de símbolos criados pela sociedade para tornar algo familiar. E é exatamente o que a mídia faz ao transmitir uma informação para o público. Ela transmite símbolos em forma de imagem e som que tem como objetivo informar alguém de forma que um assunto não familiar se torne comum para o espectador. A comunicação é fundamental para os processos de representação social:

Em primeiro lugar, aquela é o vetor da transmissão da linguagem e portadora de representações. Além disso, incide sobre os aspectos estruturais e formais do pensamento social, visto que engaja os processos de interação social, influência, consenso e dissenso e polêmica. Enfim, a comunicação concorre para forjar representações que, apoiadas numa energética social, são pertinentes à vida prática e afetiva dos grupos. Energética e pertinência sociais que consideram, ao lado do poder de desempenho das palavras e discursos, a força pela

qual as representações inauguram as versões de realidade, comuns e partilhadas. (JODELET, 2001 P.13)

Os indivíduos estabelecem uma relação entre o desconhecido e a realidade institucionalizada, gerando uma mudança nos significados que a sociedade tenta perpetuar. Esse fenômeno contribui para manter e desafiar, reproduzir e superar significados, assim como formar a vida social da comunidade (JOVCHELOVITCH, 2000).

Um importante aspecto da comunicação verbal é ressaltado por Minayo, ao relatar que é por meio da comunicação verbal que as pessoas pensam sobre os conflitos e sobre a realidade. A comunicação é fundamental para produzir momentos de reflexão, onde os atores sociais podem compreender o mundo onde vivem sobre diferentes perspectivas, uma vez que as palavras não são a realidade em si, mas uma luz sobre essa mesma realidade, ou seja, elas representam (MINAYO, 1999).

As narrativas, relatadas pelos meios de comunicação, também constituem um processo importante de representação social. Jovchelovitch (2000) afirma que ao colocar a si mesmo e sua história em narrativas, os atores sociais expõem imagens que ganham vida e modificam o mundo, assim como definem a sociedade. As narrativas segundo a autora se tornam um dos fatores essenciais para a formação das representações sociais, uma vez que é nas narrativas que elas descobrem um local para se desenvolver e assim redefinir significados – o que é a matéria-prima das representações sociais.

4. As cidades e os símbolos elaborados pela mídia

Por meio do exposto, é perceptível que 1) as cidades são frutos dos símbolos e das relações sociais; e que 2) os meios de comunicação – através do processo de globalização - por meios das suas narrativas são capazes de estabelecer símbolos e atribuir significados para lugares específicos. A mídia é capaz de contribuir para o estabelecimento de concepções, assim como transmitir a visão que a própria sociedade tem dos locais onde habita.

Um exemplo claro fica claro ao estabelecermos a relação entre violência e cidade. Bauman (2009) relata que hoje em dia há muita insegurança, que muitas vezes é gerada pelo medo de crimes e criminosos. Parte desse sentimento surge pela mídia, que diariamente relata casos de assaltos, mortes e de extrema violência. Todas essas

imagens apresentadas geram uma sensação de que vivemos em um local que não é seguro.

Bauman (2009) ainda fala dos excluídos da sociedade, e diz que os criminosos são mais considerados aptos a voltar a sociedade e acabam vivendo as margens das comunidades. Os jornais – tanto televisivo quanto impresso – também colaboram com essa imagem, porque condenam um determinado indivíduo e raramente mostram exemplos de processos de reintegração na sociedade.

Outro exemplo que pode ser dado é a concepção que cada sujeito social possui do que são pequenas e grandes cidades, Silva (2007, p. 25) diz que:

[...] as grandes cidades eram complexas, símbolo de modernidade, atraentes e representavam o futuro, as pequenas cidades eram simples, símbolo do atraso, abandonadas e fadadas a ficarem no passado; entretanto, mesmo assim, estas apresentam relações sociais a partir de códigos particulares e constituem territórios específicos, cuja lógica só pode ser entendida no desenrolar de sua vida cotidiana, mergulhando-se no universo cultural que lhes dá sentido.

Os veículos de comunicação apresentam cidades como São Paulo, Rio de Janeiro ou Curitiba como centros de desenvolvimento, onde há mais oportunidades de emprego. Além disso, muitos programas mostram histórias de pessoas que saíram do interior e constituíram a vida nessas metrópoles. Todas essas narrativas criam a ideia de que as grandes cidades representam o futuro e que cada vez mais as pequenas cidades seriam a representação do passado. Nesse caso, a mídia também pode produzir afetações na sociedade, impulsionando fluxos migratórios das pessoas, estimulando a mudança do interior para as grandes cidades.

A constituição e elaboração de projetos urbanísticos também são influenciadas pela mídia e fruto da globalização. Com a redução das barreiras globais é muito comum projetos desenvolvidos em um continente serem reproduzidos em outros. Os meios de comunicação também exercem impacto nesse sentido, uma vez que, muitas vezes são responsáveis por apresentar ao grande público esses projetos.

Os veículos de comunicação são responsáveis por produzir ou transmitir símbolos, sendo assim eles colaboram na forma pela qual nos relacionamos com os habitantes de uma determinada localidade. Como por exemplo, ao pensar no Rio de Janeiro nos vem a mente as belas paisagens e praias, assim como os altos índices de criminalidade e a situação de violência em algumas favelas.

Considerações finais

Longe de fazer uma abordagem completa sobre o assunto, esse artigo quis mostrar que a mídia produz e faz circular diversos símbolos a partir da forma como apresenta um determinado assunto, e que as cidades são construídas por esses códigos já preestabelecidos.

Seria muita pretensão pensar que os veículos de comunicação têm o poder de construir a cidade e todos os símbolos existentes nela, mas é possível dizer que a mídia, por meio da reprodução ou produção de símbolos de uma determinada localidade, vem a contribuir na elaboração das cidades e na forma como elas são representadas pelos meios jornalísticos. Isso ocorre uma vez que é importante refletir sobre a função dos veículos de comunicação como locais mediadores para a elaboração de sentido na vida das pessoas (GOMES, 2016).

Acredito que o grande papel da mídia deveria ser ajudar na construção de símbolos que preencham os vazios existentes e que façam com que os indivíduos se apropriem cada vez mais da cidade.

O processo de globalização poderia ser um grande aliado. Não a globalização como fábula falada por Santos (2000), a globalização transformadora, aquela em que há uma verdadeira integração e que permite com que os sujeitos se relacionem de forma mais humana. Com a diminuição das barreiras é possível que a mídia apresente modelos transformadores que tornem as cidades lugares mais humanos, onde os seres não sejam excluídos, onde os moradores se apropriem dos espaços e valorizem a cultura local.

Referências

AGIER, Michel. **Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos**. Editora Terceiro Nome, 2009.

BARROS FILHO, Clóvis de; LOPES, Felipe Tavares Paes; NETO, LUIZ PERES. Mídia e dominação. *In* PRADO, Magaly (Org.). **Teorias da comunicação em jornalismo: reflexões sobre a mídia**. Editora Saraiva, São Paulo, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Editora Zahar, Rio de Janeiro, 2009.

-
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Biblioteca Folha, São Paulo. 2003.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. Editora Paz e Terra. São Paulo. 2015
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Editora Vozes, Petrópolis/RJ, 1998.
- COSTA, Lúcia Cortes. **Os impasses do Estado capitalista: uma análise sobre a reforma do Estado no Brasil**. Editora Cortez, São Paulo, 2006.
- GOMES, Pedro Gilberto. **Dos meios a mediação: um conceito em evolução**. São Leopoldo: Editora Unisnos, 2016.
- JODELET, Denise. Representações Sociais: Um domínio em expansão. In JODELET, Denise (Org.). **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro. EdUERJ, 2001.
- JOVCHELOVITCH, Sandra. **Representações Sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil**. Petrópolis/RJ. Editora Vozes, 2000.
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Edusc, Bauru/SP, 2001.
- LIMA, Venício A. de. **Mídia: Teoria e Política**, Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2004.
- MINAYO, Maria Cecília. O Conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In JOVCHELOVITCH, Sandra; GUARESCHI, Pedrinho A. **Textos em representações sociais**. Petrópolis/RJ. Editora Vozes, 1999.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis/RJ. Editora Vozes, 2011. (1ª edição 2000)
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Editora Record, Rio de Janeiro. 2000.
- SILVA, Joseli Maria. **Cultura e Territorialidades Urbanas: Uma Abordagem da Pequena cidade**, 2007. Disponível em: https://www.inesul.edu.br/site/documentos/revista_historia_regional61.pdf.
- SODRÉ, Muniz. **O monopólio da fala: função e linguagem da televisão no Brasil**. Editora Vozes, Petrópolis/RJ. 2010.